

O turismo de massa em debate: a importância de sua análise para o planejamento turístico do estado de Alagoas, Brasil.

Lindemberg Medeiros de Araujo¹
Roberta Cajaseiras de Carvalho²

Resumo:

O planejamento turístico integrado e a gestão apropriada é condição essencial para que os destinos turísticos de massa não atinjam a fase de declínio. Apesar dos impactos negativos gerados pelo segmento e amplamente divulgados pela Academia, ele também é o maior responsável pela contribuição da atividade turística na economia de muitas localidades. Este trabalho demonstra que o panorama brasileiro em relação à análise e intervenções sobre o turismo de massa ainda é muito distante do avanço percebido na Europa, América do Norte e Oceania, pois no Brasil ainda impera uma atitude defensiva em relação ao segmento. A situação atual do turismo no estado de Alagoas, localizado na região Nordeste do país, aponta que a realidade exige transformações urgentes, a fim de evitar que os destinos mais visitados (como Maragogi, Marechal Deodoro e Maceió) entrem em declínio. O texto também destaca algumas pesquisas que defendem que o turismo de massa não corresponde necessariamente ao último estágio do ciclo de vida das destinações, e afirma que investir em mais pesquisas sobre esse tipo de turismo pode estimular um melhor desempenho turístico das localidades brasileiras, em busca de um turismo cada vez mais sustentável.

Palavras-chave: Turismo de massa. Planejamento turístico. Alagoas.

1. INTRODUÇÃO

O turismo constitui um tema polêmico e gerador de muitos debates acerca de seus reais impactos sobre o ambiente natural e cultural. Entre os segmentos ou tipos de turismo mais criticados por aqueles que consideram a atividade um grande vetor de malefícios, destaca-se o turismo de massa e sua vertente praticada em áreas litorâneas - o turismo de sol e praia, classificado por Cortes, Azorin e Moliner (2007) originalmente como *sun and sand mass tourism* (algo como turismo de massa de sol e areia).

O turismo de massa contemporâneo tem como principal referência os destinos turísticos europeus da costa do Mar Mediterrâneo com destaque para cidades da Espanha, que seguiram

¹ Geógrafo (UFAL), Mestre em Planejamento Ambiental (University of Salford, UK) e Doutor em Planejamento Turístico (Sheffield Hallam University, UK). lmedeirosbr@gmail.com

² Bacharel em Turismo (UFPE) e Mestre em Turismo (UCS). Instituto Federal de Alagoas. robertacajaseiras@gmail.com

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

um modelo de produção em massa fordista baseado na falta de diferenciação e alta padronização, através da oferta de pacotes turísticos rígidos. Essas são características dos destinos classificados por Cortes, Azorin e Moliner (2007) como de segunda geração. O turismo de massa vem se expandindo de forma rápida também em países subdesenvolvidos localizados na faixa intertropical do planeta, nos quais as médias térmicas anuais são relativamente altas, com grande número de dias de sol ao longo do ano, e milhares de quilômetros de litoral com baixa densidade de ocupação humana.

Beni (2001) utiliza a definição de turismo de massa como um dos níveis de estratificação socioeconômica dos turistas. Assim, o segmento também poderia ser denominado turismo de 'classe média' ou 'grande turismo'. O turismo de massa é importante por conta da expressiva demanda de consumidores e pelo seu incentivo à expansão da infraestrutura turística, que gera o consumo em larga escala, como identificado abaixo:

Sob todos os aspectos é o mais importante devido à expressiva quantidade de turistas envolvida tanto nos fluxos internacionais como no interno, porquanto reúne os estratos que formam a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos, que desfrutam de relativa possibilidade de meios econômico-financeiros, contando com subvenções e poupanças próprias (Beni, 2007, p 420).

O autor ainda destaca algumas características centrais desse tipo de turismo, com destaque para os gastos moderados do turista no custo-dia; consumo de serviços e equipamentos de primeira categoria, mas não de luxo; meios de transporte incluídos nos pacotes; percurso e permanência mais curtos; menos gastos supérfluos com a viagem no período de férias; ocupação de hotéis de nível médio; e ampla utilização do sistema de crediário para financiar a viagem.

Urry (1996) também discute as características do turismo de massa. Ele analisa os lugares ligados a esse tipo de oferta turística com base nas expectativas do turista e considerando também sua percepção sobre o que vê e vivencia. Para Urry, o turismo de massa mantém o turista isolado de um ambiente acolhedor e das comunidades locais, e promove viagens em grupos guiados. Seus participantes encontram prazer em atrações inventadas com pouca autenticidade, pois apenas desfrutam da geração de um 'pseudo-acontecimento' e esquecem do mundo real. A presença de outros turistas é o que garante o sucesso dos destinos massivos, o que promove o olhar coletivo desse público. O turismo de massa, segundo essa interpretação, padroniza os destinos a fim de cativar mais pessoas, receber mais visitantes e obter mais lucro, fazendo da atividade uma mercadoria dependente das leis de mercado (Urry, 1996).

Com as características identificadas por Beni (2007) e Urry (1996), o turismo de massa é um fenômeno amplamente difundido pelo mundo. Enquanto novos lugares voltados para esse segmento surgem com frequência ao redor do planeta, outros que vinham se desenvolvendo há

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

muito tempo atingem um estágio de maturação e estagnação e, às vezes, de declínio. Frequentemente, a estagnação ocorre principalmente devido aos impactos ambientais causados pelo próprio turismo. Essa é uma perspectiva preocupante uma vez que um grande número de destinações tem parte significativa de sua economia dependente do turismo e, por conseguinte, dependem da manutenção de um meio ambiente bem conservado.

Este trabalho tem como objetivo incitar reflexões sobre a necessidade de se ampliar as pesquisas e discussões sobre o turismo de massa na região costeira nordestina. Utiliza-se como referência o estado de Alagoas, no qual são identificados lugares que são explorados turisticamente com base no turismo de massa, de forma semelhante ao que ocorre no litoral dos demais estados da região Nordeste do país. Verifica-se que o turismo de massa é uma realidade empírica nas práticas de mercado e no planejamento estatal, nos níveis federal, estadual e municipal. Ao se considerar que “remodelar” esses destinos - após serem significativamente degradados - não seja possível nem interessante em longo prazo, quando eles já podem ter atingido um estágio de estagnação, e levando-se em conta o contexto atual do desenvolvimento turístico nesse estado, discute-se a necessidade urgente de se manejar o turismo de massa com mais responsabilidade, uma situação que se aplica literalmente a todos os estados da região.

2. Turismo de massa: questões conceituais

Diferentes autores têm discutido o conceito de turismo de massa, com abordagens que vão desde os aspectos comportamentais dos turistas às características contextuais dos lugares visitados. Por exemplo, segundo Plog (1974 citado por Lohmann & Panosso Netto, 2008, p. 258) os turistas podem ser classificados em aloclênicos (curiosos, exploradores, aventureiros), quase-alocêntricos (procuram desafios, ecoturismo), meio-cêntricos (procuram se descontrair e relaxar, entretenimento), quase-psicocêntricos (experimentam novos destinos apenas após ele ter viajado bastante), e psicocêntricos (os turistas de massa). Essas características associadas aos indivíduos têm implicações diretas sobre a formatação dos lugares que compõem a oferta turística. Assim, também os lugares turísticos tendem a assumir características semelhantes às dos visitantes.

Portanto, os lugares eleitos como destinos turísticos devem refletir de alguma forma suas próprias características pessoais. Assim, o turista psicocêntrico é aquele que procura segurança e viaja acompanhado por guias de turismo, é mais tímido e não gosta de aventurar-se. Preferem ambientes nos quais possa manter seus hábitos cotidianos. Para Plog (1974 citado por Lohmann & Panosso Netto, 2008, p.258) há uma tendência de existir um movimento lento e constante da maioria dos destinos em direção a características psicocêntricas e seu público, como será explicado com base em Butler (1980). Para reverter tal situação, e diminuir os impactos

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

ambientais negativos normalmente associados ao turismo de massa – no qual há grande proporção de turistas psicocêntricos – é exigido muito esforço e planejamento adequado.

Outra classificação de turistas, esta proposta por Cohen (1979 citado Lohmann & Panosso Netto, 2008, p. 265) classifica os turistas em quatro categorias: turista de massa organizado, turista de massa individual, turista explorador e turista errante. O turista de massa organizado é aquele que viaja em grupo com outros turistas, seguindo um itinerário prévio e pouco flexível. Preferem destinos populares comercializados por operadoras e interagem pouco com a comunidade local. O turista de massa individual viaja por conta própria ou com pessoas conhecidas e compra pacotes mais flexíveis, tendo mais facilidade para realizar alterações.

Por seu turno, Smith (1977 citado por Lohmann & Panosso Netto, 2008, p.269) identifica os turistas de *charter*, turista de massa, turista de massa incipiente, turistas não-usuais, turistas ‘fora de trilha’ e os turistas de elite. Três tipos em especial estão diretamente relacionados ao turismo de massa: os turistas de *charter* (chegam em massa, possuem baixíssimo grau de envolvimento com os habitantes, e requerem o mesmo tratamento de seu local de origem); os turistas de massa (fluxo contínuo de visitantes de classe média, que esperam encontrar funcionários que satisfaçam suas necessidade e um ambiente ocidentalizado); e os turistas de massa incipiente (fluxo garantido de pessoas que demandam conforto e amenidades ocidentalizadas. Autenticidade atrelada a equipamentos recreativos).

Gray (1970 citado por Lohmann & Panosso Netto, 2008, p. 272), em uma classificação de turistas que não é muito abordada na literatura brasileira, identifica dois tipos de turistas: os que buscam o ‘prazer do sol’ (*sunlust*) e os que buscam o prazer de peregrinar (*wanderlust*). Aqueles que buscam o prazer do sol desejam descansar e relaxar; buscam conforto e normalmente se hospedam em *resorts* à beira-mar. Para Pearce (2003), esses turistas podem encontrar com maior facilidade um local para viajar em seu próprio país, sendo um público-alvo adequado para o turismo interno.

Muitos estudiosos do turismo consideram que esses diversos tipos de turistas de massa compõem a maior parte dos fluxos turísticos, sendo normalmente associados à maior parte dos impactos dos fluxos turísticos nas destinações, tanto em países desenvolvidos como em países subdesenvolvidos ou emergentes. Os pesquisadores que consideram o turismo de massa como um caminho que leva inexoravelmente até a degradação final dos lugares turísticos têm como uma das principais referências teórico-analíticas o modelo do Ciclo de Vida do Lugar Turístico (conhecido pela sigla *TALC* – *Tourist Area Life Cycle*, em inglês) proposto por Butler (1980). Segundo esse modelo, os lugares turísticos seguem algumas fases que possuem características bem peculiares e previsíveis, a saber:

- 1) Exploração – os primeiros turistas chegam. Não há infraestrutura de acomodação.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

- 2) Envolvimento - alguns serviços turísticos são prestados pelos habitantes locais. Muito contato entre visitantes e visitados.
- 3) Desenvolvimento – organizações ‘estrangeiras’ começam a investir no destino. Estímulo ao crescimento do número de visitantes. Relações com turistas se tornam mais formais.
- 4) Consolidação – domínio das empresas sobre a localidade, que mantem a competitividade do destino perante os concorrentes.
- 5) Estagnação – os preços baixam e passam a atrair turistas com menos poder aquisitivo. Desgaste econômico, social e ambiental. Equipamentos se degradam e atrações perdem a atratividade. Os limites de capacidade de carga são ultrapassados.

Esse ciclo de evolução dos lugares turísticos seria quase uma inevitabilidade a ser enfrentada por estados, municípios, cidades, regiões ou atrativos (Butler, 2006). E o pior: as destinações voltadas para acolher o turismo de massa estariam ainda mais submetidos a essa espécie de fatalidade, do que destinações com o perfil da demanda e da oferta associados a segmentos considerados alternativos e/ou de baixa impacto.

Durante os anos 1970, outros estudos, como os realizados por Miossec; Plog; Thurot; Turner e Ash (citados por Baidal, Sanchez & Rebollo, 2013, p. 185) também apontaram o turismo de massa como tendo o potencial de contribuir para configurar um modelo de evolução dos lugares turísticos, que acabaria por levar tais lugares a perder sua atratividade original associada, nos estágios iniciais do seu *TALC*, a uma natureza preservada e cultura autêntica.

Krippendorf (2009), autor muito referenciado no Brasil, analisou a atividade turística como parte integrante do sistema capitalista de produção, atividade essa que é influenciada pela divisão desigual de benefícios e custos. Em sua obra “Sociologia do turismo”, o autor buscou equilibrar a visão do turismo de massa, degradador dos lugares visitados, de um turismo mais humanizado. No texto “Teses para a humanização das viagens”, parte integrante da obra supracitada, Krippendorf (2009) esclarece seu posicionamento em relação ao turismo:

Não sou daqueles que desejam limitar o turismo ou simplesmente suprimi-lo em função dos efeitos devastadores que ele produz. No entanto, compreendo tais reações pois é bem verdade que o turismo às vezes chega a ser desastroso, desumano e autodestruidor [...]. Todavia é totalmente falsa a crença de que a única solução que nos resta é suprimi-lo. Existem outras possibilidades (Krippendorf, 2009, p 150).

Para o pesquisador, a saída é tratar o turismo como fenômeno de massa sem tentar fugir dele. Em sua visão, é essencial promover a individualização e a humanização do turismo de massa durante sua prática. Segundo o autor em epígrafe, as contradições desse tipo de turismo só serão superadas se conseguirmos praticá-lo de forma criativa, propondo novos destinos e atividades,

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

com a inserção de práticas mais humanizadas, tanto para os visitantes como para as condições ambientais dos lugares em questão.

Um dos problemas mais destacados na obra de Krippendorf é a concentração de férias em determinados períodos do ano e a concentração espacial de turistas em determinadas localidades, fenômeno que geraria o dilema “A fuga da multidão resulta numa multidão” (Krippendorf, 2009, p. 157). O autor ainda complementa:

Nunca será possível dividir os turistas em pequenos grupos e individualizar os deslocamentos de milhões de pessoas que, aliás, não querem viajar sozinhas. As viagens jamais perderão seu aspecto massivo. Mas é importante controlar e reduzir suas dimensões. A questão da quantidade adequada é essencial à planificação do turismo nas regiões turísticas (Krippendorf, 2009).

Assim, Krippendorf (2009) considera impossível ‘voltar atrás’ no tempo, e impedir que o turismo de massa se expanda; sua prática é uma realidade que não se pode frear. O mais plausível é que se pensem soluções para que sejam impostos limites adequados, a fim de que a concentração de pessoas nos lugares turísticos produza menos transtornos, mesmo em destinações que recebem grandes números de visitantes.

A predisposição em se buscar humanizar o turismo de massa é importante por que, uma parte expressiva dos pesquisadores percebe que o segmento é tão importante para a própria sustentação da economia das regiões receptoras que, ao invés de propor sua extinção, refletem sobre a busca de novas maneiras de planejá-lo e geri-lo, a fim de minimizar impactos negativos e otimizar os benefícios potenciais da atividade.

Nesse sentido, Weaver (2012) propõe o conceito de turismo de massa sustentável (originalmente em inglês *SMT - sustainable mass tourism*), sendo essa proposta baseada nas seguintes reflexões:

- 1) o *SMT* é o resultado desejado e iminente para a maioria dos destinos turísticos.
- 2) o turismo de massa sustentável é um processo evolutivo e não revolucionário.
- 3) os destinos convergem para o *SMT* através de trajetórias orgânicas, incrementais e induzidas de forma distinta.

Embora possa parecer paradoxal, uma vez que o turismo de massa tem sido frequentemente associado a amplos impactos negativos nas destinações, uma literatura incipiente começa a emergir relacionada a uma busca por formas mais sustentáveis de turismo de massa. Por exemplo, Bramwell (2003) editou um importante livro que inclui diversas abordagens voltadas à construção de um turismo de massa mais sustentável na região da Europa meridional – bordas do Mediterrâneo. Os autores dos capítulos que compõem este livro avaliam políticas que vêm sendo criadas com o objetivo de tornar os resorts que atendem o turismo de massa mais

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

sustentáveis, assim como ações que têm o objetivo de desenvolver produtos turísticos alternativos de pequena escala, no âmbito de destinações voltadas para o turismo de massa. Entretanto, apesar da crescente importância do turismo de massa para inúmeros estados brasileiros (incluindo comunidades, cidades, estados e atrativos, inclusive como resultado de importantes políticas públicas federais), não se verifica atitude semelhante no país, ou seja, estudos voltados a inserir elementos de sustentabilidade nas destinações brasileiras de turismo de massa. Diante de tal lacuna, na região Nordeste do Brasil o turismo de massa vem ampliando sua influência na composição do PIB de muitos municípios – o que é importante – mas, ao mesmo tempo, os impactos ambientais negativos da atividade vêm se amplificando em lugares como Canoa Quebrada (CE), Pipa (RN), Porto de Galinhas e Tamandaré-Carneiros (PE) e Maragogi-Japaratinga (AL) – o que é um aspecto negativo para tais destinações, e preocupante para a sua sustentabilidade do seu desenvolvimento em longo prazo.

3. Existirá um futuro para o turismo de massa?

A maioria das pesquisas sobre o turismo de massa e as principais contribuições para um planejamento responsável desse segmento é oriunda de universidades europeias e da Oceania. As publicações sobre o tema no Brasil são raras e concentradas em trabalhos de outras áreas do conhecimento, focados na gestão costeira e nos limites de capacidade de carga de ambientes litorâneos (como os recifes de corais, por exemplo).

Alguns pesquisadores argumentam em favor do planejamento local para manter a competitividade dos destinos costeiros através de diversas estratégias de reestruturação. Baidal, Sanchez e Rebollo (2013) destacam algumas pesquisas, como as propostas de Bramwell (2003), que lista estratégias empregadas para os destinos na costa do Mar Mediterrâneo, como mencionado acima; de Anton (2011), que classifica destinos costeiros da Espanha como reativos, criativos ou transitivos, dependendo das políticas de reestruturação adotadas; de Priestley e Mundet (1998), que analisa a fase pós-estagnação de vários destinos na costa da Catalunha (Espanha), região que Garay e Cànoves (2011) analisaram com base na teoria do ciclo de vida das destinações. Tais pesquisas têm em comum um esforço que busca entender cientificamente as características contextuais dos lugares estudados, de tal forma a identificar medidas que possam melhorar o desempenho turístico desses lugares, tendo o meio ambiente e as perspectivas de sustentabilidade como dois elementos centrais dos estudos desenvolvidos.

Segundo Cortes, Azorin e Moliner (2007), alguns autores afirmam que os destinos de turismo de massa são “neofordistas”, e que eles podem voltar a se consolidar se conseguirem se adaptar às necessidades do mercado através de novas estratégias de organização de dados, comunicação e sistemas de informação. Dessa forma, podem criar produtos para segmentos

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

específicos que ainda se interessam por ambientes costeiros, com ampla gama de atividades culturais e de lazer. Quando um destino de segunda geração entra na fase de declínio, ele perde espaço no mercado e parte de seus parceiros. Em tal contexto, a infraestrutura de turismo passa a ser utilizada para outros fins. Esses destinos podem reagir implementando estratégias de reorganização ou de transformação de produtos (melhoria da qualidade do serviço e melhorias ambientais, reposicionamento, diversificação, colaboração e adaptação às demandas turísticas). Para esses autores, nem todos os destinos estão condenados a entrar em declínio ao longo do tempo. Um planejamento contínuo e proativo pode estabelecer ferramentas de gestão para se antecipar aos problemas emergentes.

Nesse sentido, Cortes, Azorin e Moliner (2007) identificam Benidorm (Costa Mediterrânea, Espanha) como destino que não chegou à fase de declínio e que procura manter sua fase de estagnação (mantendo o quantitativo de 10,5 milhões de turistas por ano). Para isso, investiu no reposicionamento e na diversificação da oferta. Com base nessa experiência, outros destinos podem, de forma semelhante, tomar iniciativas para atrair novos segmentos turísticos (podendo obter maiores receitas, aumentar a sua participação no mercado e reduzir a sazonalidade).

Weaver (2012) também compartilha a opinião de que um novo modelo de planejamento e gestão de destinos deve ser implementado, reconhecendo possibilidades para a implementação de medidas que garantam resultados sustentáveis para o turismo em grande ou pequena escala, de acordo com a plataforma desenhada com base no conhecimento de Jafari (2001 citado Weaver, 2012, p. 1033). Dessa forma, os destinos podem optar pelo turismo alternativo (pequena escala) ou podem se organizar para atingir o turismo de massa sustentável (promovendo regulamentações mais adequadas ao turismo em grande escala). Porém, o pesquisador reconhece que a proposição de que o turismo contemporâneo está convergindo para o turismo de massa sustentável (pelo menos onde as condições de demanda suficiente e estabilidade socioeconômica estão atendidas) pode ser controverso, por causa da longa associação em alguns círculos acadêmicos entre turismo de massa e insustentabilidade. Para responder aos críticos, o autor propõe rediscutir o que se entende por 'sustentabilidade', levando o debate para a seara epistemológica, o que foge ao escopo deste trabalho.

4. Reflexões sobre o turismo de massa em Alagoas

O estado de Alagoas tem sua economia ancorada na agricultura (notadamente o setor sucroalcooleiro), indústria (com destaque para o setor químico) e nos serviços (incluindo o turismo). Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado de Alagoas [SEPLANDE] (2013a), no primeiro semestre de 2012 o turismo teve um crescimento de 5,34% em relação ao mesmo período de 2011, devido ao incremento na divulgação nos estados emissores e por causa também

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

de novos voos diários para Maceió. O total de desembarque de passageiros em Alagoas, no ano de 2012, foi de 853.560 mil turistas, tendo havido um crescimento de 11,64% em relação ao ano anterior (Ministério do Turismo, 2013). No mesmo período também houve um incremento da ocupação hoteleira e o aumento do fluxo de passageiros aéreos e marítimos. A maior parte dos turistas que visitam o estado de Alagoas é formada por brasileiros, em parte porque não existem voos internacionais regulares para o aeroporto Zumbi dos Palmares.

Segundo Santa Rita, Nascimento e Lima (2007), Alagoas dispõe dos seguintes fatores de atratividade turística: um litoral de aproximadamente 230 quilômetros, quase todo balneável e interligado por estradas de rodagem; um conjunto de 17 lagoas costeiras; cidades históricas, destacando-se Penedo, Piranhas, Porto Calvo, União dos Palmares e Marechal Deodoro; o lago da Usina Hidrelétrica de Xingó e uma grande extensão do rio São Francisco; e diversificadas atividades culturais (rico folclore). Merecem destaque, ainda, a culinária local e a representativa produção de artesanato, com destaque para a tradicional renda “filé” (típica do litoral alagoano). O turismo no estado de Alagoas é caracterizado pelo foco no segmento de lazer, praticado principalmente em áreas litorâneas. Apesar de não haver estudos detalhados sobre a demanda turística do estado, as publicações especializadas em turismo confirmam que as praias são os atrativos que são mais comercializados (Editora Abril, 2009; Editora Abril 2013a; Editora Abril, 2013b).

Para estimular a geração de ocupação e renda em Alagoas, o Governo do Estado e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Alagoas [SEBRAE/AL] organizaram estratégias de atuação em treze Arranjos Produtivos Locais (APL), “tendo como base a atuação prioritária em ações coletivas e integradoras direcionadas ao desenvolvimento dos micro e pequenos negócios” (SEPLANDE, 2013b). O programa contempla 60% dos municípios alagoanos, e três APL consideram o turismo como uma atividade prioritária, a saber: APL Turismo Caminhos do São Francisco, APL Turismo Costa dos Corais e APL Turismo Lagoas e Mares do Sul.

Todos os APL de turismo alagoanos possuem atrativos turísticos comercializados massivamente, operados pelas maiores agências de turismo brasileiras e por seus prestadores de serviços. Os destinos mais famosos do Litoral Norte e Sul do estado são reconhecidos pela grande quantidade de visitantes e infraestrutura hoteleira com capacidade para grandes demandas. São o caso das praias de Maragogi (na Costa dos Corais), e das praias do Francês (Figura 1) e do Gunga (respectivamente localizadas nos municípios de Marechal Deodoro e Roteiro, inseridos no APL Lagoas e Mares do Sul). A região da Foz do Rio São Francisco é conhecida por ser um destino para excursionistas (os turistas usufruem durante o dia, mas não pernoitam no local), onde barcos lotados de turistas (Figura 2) aportam nas dunas da Área de Proteção Ambiental (APA) de Piaçabuçu (federal), em município homônimo.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Figura 1: Praia do Francês



Fonte: Guia do Litoral, 2013.

Figura 2: Embarcação com turistas no Rio São Francisco



Fonte: acervo pessoal

O APL Costa dos Corais é formado por oito municípios do Litoral Norte do estado (incluindo Maragogi, Japaratinga, Paripueira e São Miguel dos Milagres). Ao todo, somam cerca de 105 mil habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) desses municípios está abaixo da média nacional e regional. Costa, Costa e Miranda Júnior (2012) apresentam um resumo sobre a situação socioeconômica da região nos últimos anos:

Em se tratando de renda e pobreza, os dados do Atlas do Desenvolvimento Humano – PNUD mostram que a renda per capita no território do APL tem apresentado tendência de crescimento, ao passo que a taxa de pobreza

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

apresentou queda, exceto no município de Porto Calvo. Ademais, destaca-se o crescimento da renda per capita média do município de Paripueira, a maior entre os demais municípios da Costa dos Corais. A longevidade, por sua vez, apresentou tendência ao crescimento em todos os municípios, conforme dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Costa, Costa & Miranda Júnior, 2012).

Segundo Costa, Costa e Miranda Júnior (2012) são trinta e dois os atores mais atuantes na APL Costa dos Corais, incluindo a Secretaria Executiva de Planejamento e Orçamento de Alagoas – SEPLAN/AL, o SEBRAE, a Associação dos Artesãos e a entidade de classe empresarial - AHMAJA. O principal objetivo desses atores é transformar o litoral norte alagoano em um destino turístico consolidado, sustentável e mais competitivo, o que é indicativo de iniciativas que buscam adotar procedimentos sustentáveis em uma oferta de turismo de massa.

Em Maragogi estão situados os atrativos mais frequentados do Litoral Norte de Alagoas, ou seja, as Galés, que são piscinas naturais formadas nos recifes da região. Segundo Assis (2011), as Galés sofreram sérios impactos negativos causados pelo turismo até o ano de 2009, causados pela ancoragem das embarcações nos recifes; pisoteio em áreas de corais; retirada de organismos como souvenir; aumento da turbidez da água, e pesca irregular. A exploração intensiva da área através de passeios de barco, mergulho autônomo, produção e venda de fotos subaquáticas, e o comércio de alimentos e bebidas intensificavam a degradação. O atrativo alcançou uma situação crítica do ponto de vista ambiental, que os próprios turistas começaram a criticar a situação (informação colhida junto ao centro de informação turística de Maragogi).

Diante dessa situação de degradação ambiental, no ano de 2010 a Instrução Normativa nº 08 de 29 de dezembro de 2009, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), passou a regular o turismo e as formas de exploração das Galés, através de: 1) definição do número máximo de visitantes nas piscinas para 720 pessoas por dia – houve dias em que se registraram aproximadamente 2.000 visitantes de forma concomitante nas Galés; 2) seleção de embarcações autorizadas para realizar o passeio; 3) delimitação de áreas com limite de acesso de pessoas e embarcações; 4) proibição de embarcações no período de maré alta – por questões de segurança para os visitantes; e 5) proibição da comercialização de bebidas e comidas na área de uso público (Assis, 2011).

A reversão dos impactos ambientais negativos do turismo de massa nas Galés, através de iniciativa capitaneada pelo poder público, com destaque para o Ministério Público Federal, mas também como resultado de parcerias entre o governo, ONGs e o setor privado, é um exemplo de que o turismo de massa pode ser explorado de através de formas mais sustentáveis. Outros casos semelhantes têm acontecido em Alagoas, a exemplo da Piscina Natural da Pajuçara, atrativo semelhante às Galés, embora de menor porte, localizado na enseada de Pajuçara, em Maceió, sem que tenham sido estudados cientificamente de forma abrangente. É necessário que se investigue

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

os desdobramentos ambientais desses casos, assim como no que tange à noção de sustentabilidade. Destaca-se que, mencionados aqui pontualmente, estes dois casos não são isolados na região Nordeste brasileira.

Destacando a importância ambiental da zona costeira norte de Alagoas, mesmo antes da criação do APL de turismo foi criada em 1997 a Área de Proteção Ambiental Federal Marinha Costa dos Corais (que emprestou o nome ao APL alagoano), com 410 mil hectares, incluindo municípios dos estados de Pernambuco e Alagoas. Apenas no ano de 2013, dezesseis anos após a criação da APA, foi divulgado o seu plano de manejo, documento básico para a administração das unidades de conservação da natureza. Segundo o documento, a atividade turística é considerada um problema para essa APA:

O turismo e as atividades recreativas desordenadas também foram levantados como um grande problema interno da APA, principalmente nos períodos de alta estação, ou seja, no auge do verão, quando a exploração turística atinge o seu maior pico de visitação. Esta pressão também é externa, pois toda a costa litorânea de Alagoas é intensamente visitada no alto verão, devido as suas praias paradisíacas (ICMBio, 2012, p.15).

O quadro abaixo, extraído do plano de manejo da APA Marinha Costa dos Corais, lista o turismo desordenado como a atividade mais impactante produzida pelo homem na área.

Figura 3: Matriz de Planejamento Estratégico da APA Costa dos Corais, segundo as ameaças.

Turismo descontrolado	27
Degradação dos manguezais	23
Resíduos provenientes de marinas	21
Poderio econômico e político sobrepujando o interesse coletivo	18
Pouco conhecimento da existência da UC pela população local	18
Crescimento desordenado do entorno	16
Presença de grandes empreendimentos sem tratamento adequado de efluentes	15
Proximidade de empreendimentos poluidores	11
Carreamento de sedimentos/agrotóxicos (mata ciliar)	11
Aumento do fluxo de grandes embarcações	05

Fonte: ICMBio, 2012

No Plano de Manejo da APA Costa dos Corais, o turismo é considerado um dos causadores de grande parte da degradação na unidade de conservação, e se afirma que todas as atividades econômicas realizadas não apresentam sustentabilidade ambiental. Para solucionar tais problemas, o ICMBio (2012) propõe, como um dos objetivos do Plano de Manejo em questão, o

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

ordenamento do turismo ecológico, científico e cultural e das demais atividades econômicas compatíveis com a conservação ambiental. O Plano de Manejo constitui um documento amplo e detalhado, com indicativos de quais as áreas e as regras para qualquer exploração na APA. Sua análise detalhada é essencial para que futuras propostas de intervenção possam se adequar ao previsto em lei, e garantir a proteção dos recursos naturais da região. Assim, apesar das dificuldades políticas, institucionais e culturais da região, verifica-se que tem havido avanços, mesmo em pequena escala, na gestão ambiental do turismo no âmbito da APA Costa dos Corais, especificamente em relação à visitação às Galés e outras piscinas naturais da região.

Carvalho (2010) destaca que o turismo é a principal atividade geradora de renda para as comunidades instaladas na área de influência da APA Costa dos Corais, e que a faixa litorânea entre Recife e Maceió, por englobar os polos Costa dos Arrecifes (PE) e Costa dos Corais (AL) do PRODETUR/NE, recebe diversos incentivos e recursos público-privados, além de constituir um dos mais importantes alvos da política nacional de desenvolvimento turístico do Ministério do Turismo. Segundo a pesquisa realizada pela mencionada autora, os gestores se mostraram preocupados com a gestão da APA e queixaram-se da falta de presença institucional do ICMBio e de gestão da unidade de conservação. Os entrevistados também apontaram como principal obstáculo para a sustentabilidade do turismo na região a falta de vontade política dos governos municipais e estadual em executar bons planos para o desenvolvimento da região para a qualidade da educação e do meio ambiente. Esse posicionamento dos gestores da região é muito importante uma vez que já existem avanços concretos na gestão ambiental da APA Costa dos Corais. A crítica pode ajudar no sentido de ampliar as mudanças em curso em direção a formas mais sustentáveis de exploração dos recursos naturais protegidos por essa APA, inclusive recursos explorados pelo turismo.

A situação na região da Praia do Francês se diferencia da observada na Costa dos Corais, principalmente por haver uma atuação menos proativa do poder público em relação à conservação ambiental nesse importante lugar turístico alagoano. Essa praia está situada no município de Marechal Deodoro. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (<http://www.ibge.gov.br>), esse município tem uma população estimada em 45.977 habitantes em uma área de 332 km² e a base da sua economia é o setor de serviços (incluindo o turismo).

A atividade turística da região também é baseada no turismo de sol e praia, tendo o atrativo da Praia do Francês como um dos mais visitados. Apesar do perfil praieiro, é no centro da cidade que está localizado o principal diferencial do destino: o centro histórico de Marechal Deodoro, composto por construções históricas em vários estilos arquitetônicos (com destaque para igrejas barrocas seculares). Porém esse potencial não é plenamente aproveitado pelo turismo, a maior parte dos prédios está fechada à visitação e não há uma organização sistemática da prefeitura municipal para promover a visitação a esses atrativos.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Marechal Deodoro faz parte do APL Turismo Lagoas e Mares do Sul, que contempla municípios do Litoral Sul do estado. Estão inseridos em seu território os municípios de Maceió (bairro do Pontal da Barra), Marechal Deodoro, Coqueiro Seco, Santa Luzia do Norte, Pilar e Barra de São Miguel. Em 2008 esse APL se expandiu e passou a incluir quatro novos municípios (Roteiro, Jequiá da Praia, Coruripe e Feliz Deserto). O nome do APL faz referência às lagoas da região: Mundaú, Manguaba, Niquim e Roteiro (Seplande, 2013a). A seguir, Sgarbi (2009) apresenta os objetivos e a composição do referido APL:

Apoiando-se no potencial turístico do Estado e no polo gastronômico que a região já possui, o APL de Turismo na Região das Lagoas foi formalizado com o objetivo de aumentar o número de turistas que circulam na região, bem como elevar sua taxa de permanência, impulsionando o comércio local. Composto por donos de bares, restaurantes, hotéis e pousadas, rendeiras e barqueiros da região, o APL é coordenado pelo SEBRAE e pela SEPLAN/AL e conta com a parceria de agentes financeiros, entidades de ensino e tecnologia, federações e entidades de classe, prefeituras municipais, fóruns e câmaras setoriais (Sgarbi, 2009).

No APL Lagoas e Mares do Sul o turismo de massa se concentra na Praia do Francês, Barra de São Miguel e Praia do Gunga. Ele é caracterizado pela promoção de passeios turísticos organizados por grandes operadoras e agências de viagens nacionais e regionais. No restante dos atrativos (como o centro histórico de Marechal Deodoro e as mencionadas lagoas costeiras) o turismo é incipiente, e a expressiva oferta gastronômica local é mais consumida pelos próprios moradores da região e da capital, como é o caso da comunidade de Massagueira (que concentra muitos restaurantes e bares especializados em frutos do mar).

Araújo, Souza, Barros e Conceição (2006) destacam que, apesar da intensificação no processo de turistificação do litoral de Alagoas nas últimas décadas, não tem havido estudos sistemáticos sobre as consequências da expansão do turismo e das atividades de lazer no APL Lagoas e Mares do Sul. Em 2006, a pesquisa sobre o turismo na região era muito incipiente, mas hoje já é possível consultar alguns trabalhos que analisam (mesmo que preliminarmente) o impacto do turismo no meio físico e a atuação dos atores envolvidos na gestão do APL. Porém, assim como na região da Costa dos Corais, não há publicações que apresentem a análise da situação do turismo de massa nos principais destinos do Litoral Sul. Com base nessas informações percebe-se que, do ponto de vista acadêmico, quase não há pesquisas científicas que analisem o fenômeno do turismo de massa em Alagoas, apesar de o estado depender substancialmente do turismo na composição do seu Produto Interno Bruto (PIB).

As reflexões de Bezerra e Vasconcelos (2012) são referência que merece destaque. Para esses autores, o atual modelo de turistificação de Alagoas se baseia no movimento de rotas,

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

predominantemente consolidado como 'turismo de sol e mar', destacando que o turismo de massa é vetor de impactos negativos:

[...] no caso de Alagoas, a sua dominância tem se mostrado devastadora enquanto um turismo de massa sob o binômio de Sol e mar que, em sua permanente expansão, tem se desenvolvido em detrimento de outras tipologias turísticas (Bezerra & Vasconcelos, 2012, p 114).

Segundo esses estudos, o turismo de massa é uma tendência natural nas regiões intertropicais e no Nordeste brasileiro, sendo também predominante em Alagoas. A atividade se caracteriza por particularidades como a poluição, o desprezo pelo patrimônio e o alheamento para com as características locais. Destacam também que o turismo de massa tem contribuído para aprofundar as desigualdades sociais através da concentração de renda em uma minoria – o *trade* turístico – e da sistemática invisibilidade das geografias culturais e da cultura popular alagoana (Bezerra & Vasconcelos, 2012). O desenvolvimento de estudos desse tipo, com uma abordagem crítica sobre a forma pela qual o turismo vem se desenvolvendo na zona costeira nordestina, é muito importante. Juntamente com estudos que buscam identificar avanços relacionados ao paradigma da sustentabilidade, os estudos críticos ajudam para um entendimento mais preciso dos limites e barreiras que permeiam uma atividade tão complexa como o turismo, em regiões subdesenvolvidas.

Como tem ocorrido com frequência, constatar que o turismo de massa é o principal responsável pela geração de poluição, degradação ambiental e falta de cuidado com o patrimônio cultural segue linha de pensamento semelhante à de muitos pesquisadores estrangeiros, que veem o caráter massivo do turismo como um fator que levará os lugares turísticos a avançar de forma inexorável para um estágio de estagnação e até de declínio. Porém, no caso do estado de Alagoas, não há estudos de campo que comprovem que os danos ambientais e culturais registrados no estado sejam produto exclusivo da atividade turística. As limitações do poder público local em diversos setores (educação, saneamento básico, segurança, entre outros), a formação político-cultural do povo alagoano, carente de valorização cultural e educação patrimonial e de predisposição para a participação política, podem ser fatores muito mais influentes do que uma atividade econômica em particular. Constatar as reais variáveis que influenciam na geração de impactos ambientais, culturais e sociais, assim como em relação aos avanços que vêm sendo registrados no âmbito do turismo de massa, ampliaria o debate, e permitiria que o turismo de massa em Alagoas pudesse ser analisado de forma mais completa.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

5. Considerações Finais

Este trabalho deixa claro que já existe um corpo significativo de publicações sobre as características comportamentais dos turistas, sobre a relativamente longa história do turismo de massa, assim como sobre as implicações ambientais, econômicas e de políticas públicas para o desenvolvimento com base no turismo. É quase um consenso que os lugares turísticos de massa tendem a evoluir até uma situação de estagnação, podendo inclusive entrar em declínio, como resultado de um crescimento turístico sem planejamento integrado e gestão apropriada.

Ao mesmo tempo, é também fato bastante aceito na literatura que o turismo se tornou a maior indústria do mundo. Por causa disso, muitos países, estados, regiões, municípios e lugares mundo afora dependem de forma crescente das atividades turísticas, como um dos principais pilares das suas economias. Tal importância assenta-se no fato de que o turismo cria empregos e ocupação para os residentes dos destinos turísticos; e aumenta a renda em áreas subdesenvolvidas; gera impostos essenciais para investimentos públicos em setores básicos; e atrai o ingresso de moedas importantes com os fluxos internacionais de turistas, o que termina se revertendo na balança de pagamentos. Assim, este trabalho identifica que, dentre as diversas formas de turismo, o turismo de massa é o maior responsável pela contribuição do turismo para a economia das comunidades anfitriãs. Isso se deve à escala alcançada por essa forma de turismo, em vários aspectos: número de turistas, gastos nas destinações, ampla quantidade de diferentes serviços requeridos, etc., com extenso efeito multiplicador na economia.

Entretanto, é também consenso na literatura que o turismo de massa, dentre todos os tipos de turismo e formas de se realizar tal experiência, é a forma mais impactante também em relação ao meio ambiente. De fato, quando o turismo de massa se desenvolve sem o devido controle, isto é, sem a adoção de planejamento e gestão integrados, os impactos ambientais resultantes têm o poder de destruir a base de recursos sobre os quais uma determinada destinação emergiu, se desenvolveu e se consolidou. Quando atinge uma situação de estagnação (devido, sobretudo, a problemas ambientais) é muito difícil para a destinação reverter a situação de crise que se instala.

É justamente diante dessa situação de dupla face – importância do turismo para determinadas destinações e os amplos e profundos impactos ambientais impostos pelo turismo nessas localidades – que começaram a surgir questionamentos sobre a possibilidade de se incluir elementos de sustentabilidade no planejamento e gestão das destinações de turismo de massa. Ou seja, ao se pensar o desenvolvimento sustentável como um processo de transição, de um *status quo* menos que perfeito, para uma situação de atitude proativa frente à construção do futuro das destinações turísticas, busca-se adotar políticas e ações que possam contribuir para a construção de um futuro turístico mais desejável também nas destinações de turismo de massa.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Um aspecto importante dessa situação é que há uma distância muito grande entre os avanços alcançados nesse sentido na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, e o panorama brasileiro, seja do ponto de vista empírico, seja do ponto de vista do avanço teórico, assim como nos trabalhos publicados em periódicos ligados ao campo de estudo do turismo e em livros. No caso do Brasil, ainda há em geral uma atitude defensiva frente ao turismo de massa, mesmo ao se saber que essa forma de desenvolvimento turístico é muito disseminada no país, e que está de fato em expansão.

Perceber que parte da Academia encara os destinos em que ocorre o turismo de massa como uma realidade carente de intervenções proativas, na busca de alternativas de desenvolvimento mais alinhadas à noção de desenvolvimento sustentável, demonstra que uma parcela dos pesquisadores está comprometida em ir além da teoria em seus trabalhos, procurando intervir na “vida real”, a fim de contribuir com a solução de problemas urgentes que não podem aguardar o tempo acadêmico. Renegar a importância desses destinos, e do turismo de massa, para a economia e para a realidade sociocultural de muitas regiões é mais do que perigoso: é como se os planejadores se concentrassem apenas em refinar o diagnóstico dos problemas mais graves, sem procurar investir em soluções que promovam possibilidades de ajustes e readequação.

O caso do desenvolvimento do turismo de massa no estado de Alagoas é emblemático da urgência em relação à necessidade de se buscar construir uma nova atitude frente ao futuro dos lugares turísticos mencionados neste trabalho. O turismo de massa em Alagoas se expandiu significativamente desde a década de 1980, causando muitos problemas ambientais. Na última década, entretanto, surgiram iniciativas, sobretudo encabeçadas pelo poder público, como é o caso da criação da APA Costa dos Corais, com o objetivo de enfrentar os aspectos negativos do turismo de massa. Essa é uma situação alentadora para o estado de Alagoas, uma vez que o turismo atualmente é muito importante para a economia desse estado. Segundo informações extraoficiais que de vez em quando circulam nos jornais locais, o turismo representa aproximadamente 19% do PIB alagoano, e mais de 50% do PIB do município de Maragogi, que é a segunda maior destinação em Alagoas.

Diversas pesquisas comprovam que o turismo de massa não corresponde necessariamente ao último estágio do modelo de ciclo de vida dos lugares turísticos, como previsto no modelo proposto por Butler (1980). Tal constatação apresenta uma chance de readequação de muitos destinos turísticos litorâneos do Brasil, que já não conseguem competir com produtos inovadores e perdem cada vez mais qualidade e atratividade. Considerar os modelos que vêm sendo usados no exterior como referências para a busca de um modelo brasileiro de enfrentamento dos problemas do turismo de massa é um desafio para a comunidade científica que investiga o turismo no país. Eventuais avanços no planejamento turístico dos destinos turísticos de massa brasileiros

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

poderão ajudar para que milhares de pessoas não percam amplas possibilidades de geração de renda, e que muitas empresas possam sobreviver no mercado em longo prazo.

Por fim, considera-se que muito mais pesquisas precisam ser realizadas a fim de identificar as reais características do turismo de massa em Alagoas, assim como no restante do Nordeste do Brasil, quais os impactos diretamente ligados e gerados pelo mesmo, e qual o posicionamento de turistas e moradores sobre tais impactos. A ampliação desse debate poderá: a) incentivar pesquisadores a estudar esse tema, não apenas em Alagoas, mas em todo o país; b) gerar conhecimento avançado sobre as conjunturas de cada destino turístico brasileiro, assim como sobre os problemas ou aspectos comuns às diversas destinações; c) incentivar a criação de políticas públicas inovadoras, que possam contribuir para um redirecionamento da forma pela qual o turismo de massa vem se desenvolvendo no país; d) criar as bases para que intervenções sejam implementadas a fim de evitar o declínio dos destinos turísticos, garantindo o sustento das famílias que dependem dessa atividade e a preservação dos patrimônios natural e cultural. Por isso, considera-se urgente que a Academia alagoana, mas também de forma mais ampla pesquisadores que atuam no restante do país, percebam o turismo de massa como parte importante de uma realidade socioeconômica e cultural que carece de pesquisas, intervenções e avanços, para que melhore seu desempenho e possa usufruir dos avanços ora em curso em outros países, tanto do ponto de vista empírico como teórico.

Referências Bibliográficas

Araujo, L.M., Souza, J.C.O., Barros, E.S., Conceição, J. (2006). *Geoprocessamento e fotointerpretação aplicados à análise das transformações socioeconômicas e espaciais provocadas pelo turismo nas comunidades Massagueira/Rua Nova, Marechal Deodoro, Alagoas*. Aracaju: Anais – III Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. Recuperado em maio, 2013, de http://www.cpatc.embrapa.br/labgeo/srgsr3/artigos_pdf/002_t.pdf

Assis, C.C. (2011). Controle da visitação pública nas piscinas naturais da Costa dos Corais em Maragogi (AL). *Revista Brasileira de Ecoturismo*. 4 (4), 584.

Baidal, J., Sánchez, I., Rebollo, J.F. (2013). The evolution of mass tourism destinations: New approaches beyond deterministic models in Benidorm (Spain). *Tourism management*. 34 (2013), 184-195

Beni, M.C. (2001). *Análise estrutural do turismo* (5a ed.). São Paulo: SENAC São Paulo.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Bezerra, E.J., Vasconcelos, D.A. (2012). Roteiros para um novo modelo de turistificação: do turismo de massa a águas alternativas (e alegorias) em Alagoas. In Ramos, S.P. (Org.). *Planejamento de roteiros turísticos*. Porto Alegre, RS: Asterisco.

Bramwell, B. (Ed.). (2003). *Coastal mass tourism: diversification and sustainable development in Southern Europe*. Clevedon, U.K.: Channel View.

Butler, R.W. (1980). The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 24(1), p. 5-12.

Butler, R. W. (2006). *Tourism area life cycle*. 1. Clevedon, U.K.: Channel View.

Carvalho, G. L. (2011). *Análise preliminar da gestão do turismo na Área de Proteção Ambiental da Costa dos Corais (AL/PE)*. Niterói, RJ: XI Encontro Nacional de Turismo com Base Local. 1310-1328.

Cortes, E., Azorin, J.F., Moliner, J. (2007). Competitiveness in mass tourism. *Annals of Tourism Research*. 34 (3), pp. 727–745.

Costa, H.A., Costa, A.C., Miranda Júnior, N.S. (2012). Arranjos Produtivos Locais (APL) no turismo: estudo sobre a competitividade e o desenvolvimento local na Costa dos Corais – AL. *Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica*. 7 (1).

Editora Abril (2009). *Guia Quatro Rodas: Alagoas*. São Paulo: Autor.

Editora Abril (2013a). *Guia Quatro Rodas Brasil 2013*. São Paulo: Autor.

Editora Abril (2013, janeiro). As praias deste verão. *Viagem e Turismo*, pp 52-77.

Guia do Litoral (2013). *Fotos da Praia do Francês*. Recuperado em 26 abril, 2013, de <http://guiadolitoral.uol.com.br/fotosdepraia-praiadofrances-al-1922.html>.

ICMBio. (2012). *Plano de manejo da APA Costa dos Corais*. Recuperado em maio, 2013, de <http://www.icmbio.gov.br>

Krippendorf, J. (2009). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. (3a ed.). São Paulo: Aleph.

Lohmann, G., Panosso Netto, A. (2008). *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph.

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Ministério do Turismo (2013). *Desembarques nacionais de passageiros em aeroportos, por tipos de voos e variação percentual, segundo Grandes Regiões, Unidades da Federação e aeroportos - Janeiro-Dezembro - 2011-2012*. Recuperado em abril, 2013, de http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/estatisticas_indicadores/desembarques_domesticos/

Pearce, D. (2003). *Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado e viagens*. São Paulo: Aleph.

Santa Rita, L.P., Nascimento, T.C.; Lima, M.O. (2007). *Arranjos produtivos locais de turismo: um estudo sobre desenvolvimento regional na Costa dos Corais do estado de Alagoas*. Recuperado em maio, <http://www.redetec.org.br/publique/media/x%20Thiago%20Cavalcante%20Nascimento.pdf>

SEPLANDE (2013a). *Alagoas em dados informações*. Recuperado em março, 2013, de <http://informacao.seplande.al.gov.br/publicacoes/2013021/conjuntura-economica-do-estado-alagoas-jan-jun-2012>

SEPLANDE (2013b). *Programa de arranjos produtivos locais (PAPL)*. Recuperado em março, 2013, de <http://www.seplande.al.gov.br/desenvolvimento-economico/desenvolvimento-regional-e-setorial/13-arranjos>

Sgarbi, V.S. (2009). O arranjo produtivo local como potencializador da vantagem competitiva : a visão dos participantes do APL de turismo região Lagoas em Alagoas. *Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão*. 7 (2). 21-28.

Urry, J. (1996). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC/Studio Nobel.

Weaver, D. (2012). Organic, incremental and induced paths to sustainable mass tourism convergence. *Tourism management*. 33, 1030-1037.